

# **O GRUPO BAADER-MEINHOF: POLÍTICA E VIOLÊNCIA NA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA (1967-1977)**

João Paulo Brunelo Miguel<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa o filme alemão Baader Meinhof Complex (direção de Uli Edel, 2008), buscando refletir sobre os aspectos psicossociais da militância política de esquerda dos jovens militantes alemães da Facção do Exército Vermelho (RAF). Para tal, o presente trabalho contextualizou a constituição do grupo político a partir dos desdobramentos do movimento estudantil da Oposição Extraparlamentar na República Federal da Alemanha nas décadas de 1960 e 1970. Considerando as contribuições teóricas da história política e da psicanálise para a abordagem do assunto, nosso objetivo também foi o de observar as relações entre política e violência, colocando em questionamento o uso da violência justificada como um ato político.

**Palavras-chave:** Política; Violência; Militância

## **THE BAADER-MEINHOF GROUP: POLITICS AND VIOLENCE IN THE FEDERAL REPUBLIC OF GERMANY (1967-1977)**

**Abstract:** The article discuss the german Baader Meinhof Complex film (directed by Uli Edel, 2008) to reflect on the psychological and social aspects of leftist political activism of young militants of the Red Army Faction (RAF). To this, the present work contextualize the formation of this political group according to the ramifications of the student movement's Extra-Parliamentary Opposition in Germany in the 1960s and 1970s. Considering the theoretical contributions of political history and psychoanalysis to approach the subject, our goal was also to observe the relationship between politics and violence, putting into question the use of violence as a political act.

**Keywords:** Politics; Violence; Activism.

### **Introdução**

O presente artigo parte da análise do filme alemão Baader Meinhof Complex (O Grupo Bader Meinhof, em tradução brasileira), lançado em 2008, sob a direção de Uli Edel, no intuito de construir uma reflexão sobre a

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade Luterana Rui Barbosa. E-mail: psicojp@gmail.com.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

militância política e a violência na interface entre história, sociologia e psicanálise. Baseado principalmente em uma biografia clássica escrita por Stefan Aust<sup>2</sup> sobre o grupo Baader-Meinhof e, inclusive, considerado por ele como uma filmagem cujos elementos oferecem um retrato confiável daquele contexto<sup>3</sup>, o filme busca oferecer aos espectadores uma espécie de vislumbre sintético das trajetórias dos personagens antes e depois de suas incursões na militância política.

Tal longa-metragem se baseou também em fontes historiográficas (imagens, fotografias, noticiários televisivos, cartas, documentos judiciais) sobre as décadas de 1960 e 1970, quando então o grupo denominado RAF (Rote Armee Fraktion; Facção do Exército Vermelho), também conhecido como Baader-Meinhof, iniciou suas atividades. O surgimento do grupo remonta ao movimento estudantil do final da década de 1960, liderado pela Oposição Extraparlamentar, responsável por uma série de protestos contra o governo alemão que, até então, era dominado por uma coligação dos dois maiores partidos políticos da época e que inviabilizavam qualquer oposição parlamentar dentro dos trâmites legais.

O filme retrata as primeiras aparições do grupo enquanto segmento civil de resistência a uma série de problemáticas sociais do período, entre outras, a ascensão de políticas estatais conservadoras na Alemanha, a guerra do Vietnã, o conflito entre o Estado de Israel e a Palestina, a presença imperialista no Oriente Médio, etc. Entre seus atos, conhecidos como ações de guerrilha urbana (Stadt-Guerilla), estavam assaltos a bancos, incêndios e implantação de bombas de fabricação caseira em prédios públicos, quartéis e embaixadas.<sup>4</sup> Posteriormente estas ações se dirigiram a figuras públicas específicas, cujo objetivo era a libertação de militantes da RAF presos, como

---

<sup>2</sup> AUST, S. *Der Baader-Meinhof-Komplex* (eBook). Deutschland: Hoffmann und Campe Verlag, 2008.; AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008.;

<sup>3</sup> <http://www.dw.com/pt/complexo-baader-meinhof-%C3%A9-visto-por-autor-como-reprodu%C3%A7%C3%A3o-da-realidade/a-3657225> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

<sup>4</sup> GLASER, H. *Kleine Kulturgeschichte der Bundesrepublik Deutschland 1945-1989*. München/Wien: Carl Hanser Verlag, 1991, p. 439.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

o sequestro e posterior assassinato, em 1977, do presidente da Confederação Alemã de Empregadores, o ex-chefe da SS nazista, Hans-Martin Schleyer (1915-1977) e também o sequestro, sob um comando palestino, de um avião da empresa de aviação civil Lufthansa.<sup>5</sup>

O que nos impele a revisitar essa obra de figuração histórica é a atualidade de seus temas de base: a militância política e, por sua vez, o uso da violência justificada como uma forma de ato político. Neste ponto, é importante ressaltar que partimos da perspectiva de política na qual poder e violência são considerados como dimensões opostas, em conformidade a problematização arendtiana de que “onde um domina absolutamente, o outro está ausente”.<sup>6</sup> Neste posicionamento, nossa análise visa compreender determinados aspectos das motivações políticas dos militantes da RAF retratados, com o devido cuidado e responsabilidade de não recair no ardil da condescendência com a violência perpetrada por esse grupo.

A partir do viés da psicologia social e da psicanálise, materiais como o filme em foco nos convocam a pensar as dimensões psicossociais da militância política como um local de experiência animado por um *pathos* (paixão, exagero, sofrimento), posto que os militantes – em suas diferentes disposições e orientações políticas – são sujeitos que raciocinam, sentem, possuem capacidades para julgar a sua realidade e assim se afetam com as contradições desta. Portanto, o nosso objetivo não foi avaliar o quanto o filme foi fidedigno às fontes ou às pesquisas que nestas se baseou para se estabelecer um enquadre historiográfico daquele período, mas sim, considerando o filme como verossímil aos fatos ocorridos, refletir acerca do fenômeno do engajamento militante daqueles jovens que se envolveram em atos de violência, assim como em nome de convicções e anseios políticos chegaram a matar e, alguns, a perderem a própria vida.

---

<sup>5</sup> SILVA, Francisco Teixeira da (coord.) et. al. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 739.

<sup>6</sup> ARENDT, H. *Sobre a violência*. Tradução de André Duarte. RJ: Civilização Brasileira, 3. ed., 2011, p. 73.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Desta feita, sociedade e foro íntimo não contêm fronteiras definidas, pois são inerentemente dialéticas, por isso, propomos pensar essas duas dimensões a partir do material escolhido, a despeito de críticas apressadas que vejam nas abordagens psicossociológicas como mero psicologismo do historiográfico. Nesse aporte elegemos duas noções dentro arcabouço da psicanálise que podem operar como chaves de leitura valiosas ao nosso propósito, quais sejam: o conceito de identificação e a discussão da formação do Ideal do Eu nas relações intersubjetivas. Para maior delimitação de nossa análise teremos especial atenção com os aspectos psicossociais, ou se se preferir, os aspectos de posição subjetiva implicadas na militância dos membros da RAF. Cabe ressaltar, entretanto, um aspecto deste trabalho. Como destacou Peter Gay, mortos não se deitam no divã e nem tem réplica ao que eles é inferido.<sup>7</sup> De certa forma, quando os historiadores reviram os arquivos e as fontes, e neles resgatam falas ou imagens daqueles que não mais vivem, tal qual o intento do filme em questão, uma escuta se faz desses sujeitos do passado, uma espécie de escuta enquanto cuidado com os mesmos.

Dito isto, analisaremos o longa-metragem por meios do recorte e contextualização das cenas onde os tópicos possam ser indicados, assim como as cotejaremos com as informações históricas presentes na biografia que lhe serviu de base e demais materiais pertinentes ao assunto. Apesar dos elementos de dramatização típicos do filme, tal como, por vezes, a idealização e romantização de determinados personagens, sua filmagem articula momentos em que drama e documentário parecem sobrepor-se um ao outro. Através da ambientação parcial das cenas e das reconstruções das falas nela apresentadas, propomos dar sustentação ao trabalho em foco, tendo como ênfase as figuras de três militantes da primeira geração da RAF: Andreas Baader (1943-1977), Ulrike Meinhof (1934-1976) e Gudrun Ensslin (1940-1977).

---

<sup>7</sup> GAY, P. *Freud para historiadores*. Tradução de Osmyr Gabbi Junior. RJ: Paz e Terra, 1989, p. 21.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

De todo modo, cabe ressaltar que o nosso objetivo caminha em direção da crescente tendência nas ciências humanas do resgate do tema da subjetividade nos enquadres de processos históricos. Em analogia a alegoria trabalhada em uma das falas em que Horst Herold (1923-) – analista criminal envolvido na investigação do grupo – faz um apelo categórico aos membros da polícia política alemã de que antes de condenar os atos de militância daqueles jovens, era necessário compreender o que eles queriam dizer ou afirmar com suas ações, vemos nessa ponderação reflexiva figurada no filme uma abordagem potencial de levantamento de problemáticas psicossociológicas em pesquisas históricas.

### **As ações da RAF e o contexto da Alemanha no período 1967-1977**

O recorte do filme aborda o período entre 1967 e 1977, do surgimento da RAF até o episódio conhecido como o Outono Alemão, quando os líderes da primeira geração aparecem mortos em suas celas na prisão e Schleyer é assassinado. No entanto, vale a pena realizarmos uma digressão a respeito do contexto anterior e posterior a este período na Alemanha para maior esclarecimento de nosso tópico em questão. Sabe-se que o grupo mencionado perdurou até meados de 1992, quando seus membros de então tomaram a decisão de abolir a luta armada e, um pouco depois, em 1998, dissolveram-se enquanto grupo político.<sup>8</sup>

O filme nos apresenta, de uma forma ligeira, o lugar social ocupado pelos principais militantes, assim como a relação destes com as movimentações estudantis dos anos 60 da Alemanha Ocidental em favor dos comunistas na guerra do Vietnã, mas não chega a evidenciar um dos motivos centrais para a formação do grupo e a sua opção radical pelo uso da violência como ato político, qual seja, o bloqueio à participação política

---

<sup>8</sup> <http://www.dw.com/pt/1998-grupo-terrorista-alem%C3%A3o-raf-anuncia-dissolu%C3%A7%C3%A3o/a-306977> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

efetiva na estrutura multipartidária da República Federal. Isto porque as coligações partidárias dos partidos majoritários obtinham, tal qual uma frente parlamentar unilateral, uma ampla margem de vitória em qualquer votação, como foi o episódio problemático do projeto de lei aprovado, em 1967, sobre o estado de emergência, que conferia ao governo o exercício de amplos poderes em caso de ameaça à ordem vigente; semelhante dispositivo já havia sido criado na República de Weimar.<sup>9</sup>

Naquele contexto, uma liderança estudantil notória, Rudi Dutschke (1940-1979) foi atacado à paisana. Toda uma atmosfera de tensão política estava no ar. Nesse cenário, portanto, o grupo Baader-Meinhof começou a ganhar corpo. As manifestações democráticas eram alvo de extrema repressão policial institucionalizada pelas leis da base governista e, nesta esteira, o imaginário da guerrilha-urbana veio a lume pelos fundadores da RAF.

O grupo se instituiu logo após resgate de Andreas Baader, registro simbólico de fundação do RAF. Indignação e euforia se inscreviam nesse primeiro ato. Se antes os membros do grupo, ainda a se compor, manifestavam seus ímpetos de indignação com a ordem vigente por meio de atos de protestos, depois passaram a recorrer à violência, como incêndios premeditados, ataques com bombas e assaltos a bancos.

Tais iniciativas, de certo modo, eram racionalizadas como expressões de denúncia do fascismo potencial da ordem social daquele período, ao mesmo tempo que serviram de base a automanutenção material do grupo. Além do estado de emergência instituído pela soberania da coligação partidária vigente, também havia, na sociedade civil, uma força de repressão condensada na identificação do grupo ao terrorismo. “São seis contra seis milhões”, conforme referiu o escritor alemão Heinrich Böll (1917-1985), de maneira inflamada, na revista alemã *Der Spiegel*, em 1971.<sup>1011</sup>

---

<sup>9</sup> SILVA, F. C. T. da (Org.) *et al. Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: As grandes transformações do mundo contemporâneo*. RJ: Elsevier, 2004, p. 739.

<sup>10</sup> <http://www.dw.com/pt/1975-come%C3%A7a-o-julgamento-de-l%C3%ADderes-da-raf/a-522485> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

Um forte sentimento de repulsa passou a ser transferido ao RAF. Com o decorrer dos atentados de violência perpetrados pelo grupo, junto de suas reivindicações e pautas de ação, quando envolvia exigências de soltura de presos políticos, por exemplo, inferiu-se ao grupo a responsabilidade pela instalação de um estado de medo e, por extensão, uma aura crescente de combate ao terrorismo foi levantada em resposta a este. O lugar social do RAF, nesse contexto, pouco a pouco foi revogado de sua posição ideológica inicial de revolta revolucionária contra a ordem autoritária do Estado Alemão.

A presença dos chavões de protesto contemporâneas ao grupo, tal como o “Destrua, o que lhe destrói!” (“Macht kaputt, was euch kaputt macht!”) daquele período<sup>12</sup>, manifesto em crítica as disposições de semelhança da repressão e conservadorismo do estado de coisas do presente à época da República de Weimar, pareceu se dissolver completamente no enquadre geral de terrorismo na Alemanha. De fato, as ondas de violência causada e planejadas pelo grupo da RAF pareceu colocar em xeque os seus próprios princípios de ação, especialmente quando as causas de seus atentados eram justificados unicamente como mediação de negociações de soltura de seus membros presos.

Nesse sentido, se antes a liberdade e a causa proletária eram a justificativa maior da guerrilha urbana do grupo, as consequências dessa guerrilha pareciam apontar para o justo oposto destes ideais. O Estado aumentou suas formas de repressão a RAF, criando dispositivos tais como polícias e operações especializadas em terrorismo, e a sociedade civil, bem como o amplo contingente de trabalhadores não pareceram se identificar com os métodos de ação militante do grupo.

---

<sup>11</sup> AUST, S. *Der Baader-Meinhof-Komplex* (eBook). Deutschland: Hoffmann und Campe Verlag, 2008, p.584.

<sup>12</sup> GLASER, H. *Kleine Kulturgeschichte der Bundesrepublik Deutschland 1945-1989*. München/Wien: Carl Hanser Verlag, 1991, p. 442.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Neste momento, alguns aspectos podem ser levantados como hipótese sobre isso. Para Elias,<sup>13</sup> o fenômeno do terrorismo na Alemanha deflagrou um horizonte latente de conflito entre as gerações sucedâneas das experiências do Terceiro Reich. Para uma geração de jovens que, apesar de não serem de origem proletária, mas, em nível moral, conforme alude Elias, se identificavam com ideologias políticas como a do marxismo, os resquícios do regime precedente da República de Weimar, que possibilitaram a ascensão de Hitler, pareceram ser um motor de anseios de ruptura com as posições da geração anterior que viveu aqueles tempos sombrios.

Em ressonância ao que teóricos como Adorno (1903-1969) alertava sobre os riscos de sobrevivência de um estado de ânimo social cúmplice a recapitulações fascistas na Alemanha – já que, em passado recente, lá foram produzidas barbáries, tais como a ocorrida em Auschwitz<sup>14</sup> –, havia um clima cultural juvenil de denúncia veemente das contradições dos problemas sociais candentes em nível nacional e internacional contemporâneos daquele período.

Sobre este referido clima cultural, caracteriza Elias:

Tudo isso foi incorporado, para a jovem geração da burguesia das décadas de 1960 e 1970, na expressão ‘fascismo’, que se tornou a contra-imagem simbólica dos objetivos, plenos de significado, de seus próprios esforços. Nela, a imagem das mais antigas gerações dominantes alemãs – não necessariamente os pais e avós pessoais, mas os nacionais – de cujos opressivos artigos de fé e atos de violência os jovens estavam procurando emancipar-se, fundia-se com a imagem da estabelecida geração da burguesia dirigente dos dias atuais, para representar toda a opressão e todas as coerções que eles sentiam estar sendo-lhes impostas, por assim dizer, de ‘corpo e alma’<sup>15</sup>

Em paralelo a esta questão, o filme registra as conexões que o grupo e suas gerações de membros estabeleceram com guerrilheiros palestinos, tal

---

<sup>13</sup> ELIAS, N. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. RJ: Jorge Zahar, 1997.

<sup>14</sup> ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. RJ: Paz e terra, 2005, p. 130.

<sup>15</sup> ELIAS, N. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. RJ: Jorge Zahar, 1997.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

como consta do atentado de Munique, em 1972, quando um grupo de guerrilheiros palestinos invadiu vestiários de jogadores israelenses nas Olimpíadas e mataram 11 reféns. Neste atentado, uma das reivindicações dos guerrilheiros era de que Baader e Meinhof fossem soltos da prisão, demarcando, assim, uma ligação estreita entre a RAF e os movimentos de guerrilha palestina.

Neste sentido se infere que as ações da RAF era de terrorismo, apesar de eles mesmos, segundo consta determinadas fontes, nomearem as suas ações como atos de resistência política – em clara alusão ao ideário guevarista da militância comunista típico nesse período.<sup>16</sup> Sobre este aspecto, é de se supor se reside nesse processo de pareamento do ideário de guerrilha comunista às reações de guerrilha palestina justamente o núcleo identificatório de maior conflito do grupo naquela conjuntura da Alemanha, a exemplo dos pedidos de soltura de Baader e Meinhoff presentes na lista de exigências dos guerrilheiros extremistas responsáveis pelo massacre de Munique, em 1972.

### Os militantes da RAF

Feita a contextualização do período de militância da RAF, de 1967 a 1977, passemos agora para a caracterização de seus militantes a partir do filme, com ênfase nas histórias de vida dos três membros fundadores do movimento – Ulrike Meinhof, Gudrun Ensslin e Andreas Baader. Para tal, vez por outra, cotejaremos as informações repassadas no filme com dados complementares expostos sobre eles na biografia dedicada ao grupo.

---

<sup>16</sup> GLASER, H. *Kleine Kulturgeschichte der Bundesrepublik Deutschland 1945-1989*. München/Wien: Carl Hanser Verlag, 1991, p. 439.; SILVA, F. C. T. da (Org.) *et al. Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: As grandes transformações do mundo contemporâneo*. RJ: Elsevier, 2004, p. 434-36.; Cf. DEBRAY, R. *Revolution in the Revolution? Armed Struggle and Political Struggle In Latin American*. Translated by Bobbye Ortiz. New York: Grove Press, 1967.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

De início chama a atenção a ênfase que o filme confere à vida familiar desses personagens da primeira geração do RAF. A ambientação se passa em espaços de convivência doméstica e, às vezes, em momentos de lazer ou mesmo em seus locais de trabalho e estudo. Amigos, colegas de trabalho, cônjuges, amigos de militância na universidade compõem, assim, o cenário cotidiano da história. Especial destaque neste começo tem Ulrike Meinhof. Sendo jornalista-chefe do editorial *Konkret* e pessoa interessada em acompanhar os acontecimentos do movimento estudantil, sua figura era notadamente de respeito no contexto apresentado.

De origem, veio de Oldenburg. Havia nascido em 1934 e passou parte da infância nesta cidade. Seu pai, Werner Meinhof, foi, por um tempo, curador do museu de Jena. Ele faleceu quando Meinhof tinha apenas cinco anos. Depois desse incidente, sua mãe, ela e sua irmã passaram por tempos difíceis, pois aquela não recebera nenhuma pensão de auxílio relativo ao falecimento do marido. No entanto, ela se restabeleceu profissionalmente e até chegou a retomar os seus estudos. Um fato interessante da história da mãe de Meinhof é que ela conheceu uma jovem estudante na universidade, com a qual se apaixonou e foram viver juntas. Meinhof cresceu, portanto, sob os cuidados maternos de uma relação homoafetiva, algo que provavelmente deve ter lhe permitido refletir sobre os lugares de experiência possíveis ao largo das normativas morais e preconceituosas dominantes naquela sociedade.<sup>17</sup>

Depois de retornar a Oldenburg, sua mãe e madrasta se tornaram professoras. Tiveram uma vida estável, entretanto, sua mãe adoeceu de câncer, assim como o pai, e faleceu. Depois, foi para Weilbur com a madrasta. Lá teve uma vida de incipiente envolvimento com o jornalismo. Meinhof era coeditora da revista de sua escola. Foi morar, sem a irmã e a madrasta, em Marburg, onde estudou psicologia e educação, porém afirmou sua carreira no jornalismo, destacando-se pelo seu ensaísmo crítico a

---

<sup>17</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 13.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

respeito das problemáticas das tecnologias nucleares e os conflitos políticos internacionais.<sup>18</sup>

Até então, Meinhof era filiada ao Partido Social-Democrata alemão, mas devido aos incidentes de repressão aos movimentos estudantis de esquerda, começou a se aproximar e se afinar com a ideologia política marxista. No filme, por exemplo, a personagem se faz presente como ouvinte em um discurso crítico de Dutschke sobre a Guerra do Vietnã. Posteriormente, comparece a um debate jornalístico em rede nacional a respeito do caso Israel-Palestina. Nesse evento, fez objeções às ações de Israel na Palestina, demarcando, desta maneira, uma posição de divergência e ruptura com o lugar comum de defesa de Israel operado na discussão com os colegas de profissão.

Seu apoio ao livre manifesto estudantil pareceu mobilizá-la a inflamados posicionamentos sobre a violência ocorrida por parte da polícia e de segmentos nacionalistas da sociedade civil. Após a ocorrência da morte de um jovem manifestante, Benno Ohnesorg (1940-1967), em 1967, durante uma das manifestações da Oposição Extraparlamentar<sup>19</sup>, Meinhof escreveu um texto de veemente denúncia desse fato ocorrer sob um governo e sociedade em que a democracia parecia se afirmar como disfarce de uma ordem repressiva. O que vale sublinhar desse enquadre da militante, seja ele dramatizado como romantização ou humanização desta no filme, é o semblante oferecido à sua figura que parecia aliar a integridade de uma pessoa esclarecida a uma ânsia compartilhada de desconstrução de falsas conciliações entre discursos e fatos sobre as coisas públicas.

Doravante, no filme, logo após uma cena em que os pais de Esslin são entrevistados por um repórter e Meinhof, perto do jornalista, escuta atentamente as respostas de ambos sobre a questão a eles feita de como

---

<sup>18</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 14.

<sup>19</sup> <http://www.dw.com/pt/1976-ulrike-meinhof-%C3%A9-encontrada-morta-na-pris%C3%A3o/a-322565> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

avaliar as condutas da filha – no caso, Esslin, junto de Baader, estava presa e passava por uma inquirição pública da justiça devido à explosão de bomba, realizada em 1967 em uma loja em Frankfurt, crime esse perpetrado por seu grupo de militância –, ela pareceu, na imagem proposta pela filmagem, se afetar com os argumentos de defesa da filha que ambos enunciaram diante da provocação feita. Ali, o pai de sua colega havia comentado que, apesar das ações da filha transparecerem extremismo político, ela expressava uma atitude de protesto ao imobilismo alemão que potencialmente expressava questões não elaboradas do passado recente do nazismo na Alemanha.

Esse personagem se referia, na verdade, ao discurso acalorado da filha, durante a audiência de julgamento, sobre a apatia da nação perante as contradições ideológicas na guerra do Vietnã. Em tom exaltado, Esslin reivindicava uma postura de ação perante os problemas sociais daquele tempo. Ao que tudo indica, nesse estado de euforia militante e, talvez, diante dos elementos potencialmente fascistas do clima de repressão policial e civil daquele contexto retratado, Meinhof, então, parece se mobilizar com a causa de Esslin e Baader ao caminho da guerrilha urbana na Alemanha. Em acordo com essa colega, ela a ajuda a soltar Andreas da prisão. Neste ato – ato de fundação da RAF – o grupo foi responsável pelo ferimento grave de um policial. Houve, pelo menos, dois momentos curiosos explorados a respeito disso sobre o envolvimento de Meinhof neste incidente.

No cenário, Meinhof, em companhia do grupo, simula uma situação de entrevista com Baader. Ao travar contato com um dos policiais presentes no ambiente, ela lhe pergunta, num gesto de pretensa cordialidade, se ele tinha filhos, ao que o mesmo responde que sim. Logo em seguida, a operação se inicia. O grupo entra e atira em dois policiais. A cena foi tensa. Meinhof pareceu, por um instante, paralisada. Ali se apresentou uma violência nua e crua, como expressão de um ato representado como político.

A grande intensidade da cena pareceu repousar justamente na ambiguidade da situação dramatizada, qual seja, o intervalo entre a convicção do exercício planejado do resgate de Baader pelo uso da força e, ao mesmo tempo, a reação de perplexidade da violência cometida pela

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

militante figurada. No filme, dias antes Meinhof aparece escrevendo um artigo, cuja reflexão a respeito das reações à repressão do Estado era a seguinte:

Se você atira uma pedra, é um delito punível. Se mil pedras são atiradas, é uma ação política. Se você incendeia um carro, é um delito punível. Se centenas de carros são incendiados, é uma ação política. Protesto é quando eu digo que não concordo com uma coisa. Resistência é quando faço com que coisas das quais eu discordo não aconteçam mais.

Sendo até então uma jornalista cujas armas em uso eram o discurso, esse horizonte de resistência pautado em princípios de guerrilha tornou-se a ela uma nova realidade. Como racionalização da consumação da violência envolvida no acontecimento, Meinhof faz uma declaração, transmitida nos jornais, sobre as apropriações do ato orquestrado pelo grupo, agora conhecido como RAF:

Dizemos que o homem de uniforme é um porco, não um ser humano. É assim que temos que lidar com ele. Isso significa que não devemos falar com ele e é errado falar com essa gente. E, naturalmente, não tem problema atirar. O que estamos fazendo e o que queremos mostrar é que a luta armada é possível, e é possível agir e vencer e o outro lado não vencer.<sup>20</sup>

Em continuidade a exposição das trajetórias dos militantes, abordaremos, agora, a segunda militante da ordem proposta, Gudrun Esslin. É interessante perceber a proximidade de Meinhof com Esslin representada em sua experiência de transição de jornalista a guerrilheira. Esta era namorada de Andreas Baader. Possuía refinada formação intelectual, tendo obtido títulos acadêmicos da Universidade de Tübingen e da Universidade Livre de Berlim. Havia estudado literatura e educação nessas respectivas instituições.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 11.

<sup>21</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 16.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Era uma liderança chave no plano intelectual e de formação política do grupo. O filme dá mostras dela ter conhecimentos consistentes em teorias políticas de esquerda e, mais especificamente, ter domínio de literaturas contemporâneas de inspiração guevarista e em Mao Tsé-Tung. O que se destaca dessa militante na filmagem é a sua ardorosa militância de esquerda. Se naquele período a guerrilha se afigurava como o horizonte de sentido da luta marxista, ela parece ter abraçado este ideal com a mais plena convicção ideológica. “Falar e não agir é errado”, disse a jovem militante ao se responsabilizar pela referida explosão de uma loja em Frankfurt, mencionada anteriormente.

Esslin tinha uma vida de classe média estável. Seu pai era um pastor luterano e sua educação pareceu ter marcas de uma vida regrada pela moralidade religiosa. Todavia, suas experiências de adolescência indicaram uma ruptura ao zelo ascético típico de seus pais. Ela tivera um romance com um jovem, Bernward Vesper (1938-1971). Este namoro se iniciou quando ela estava em Tübingen e se estendeu até a sua ida a Berlim. Sobre esse relacionamento, sublinha Aust:

Gudrum Esslin e Bernward Vesper imergiram eles mesmos na vida estudantil rebelde, como muitas pessoas jovens que viram no movimento antiautoritário dos anos sessenta uma liberação – tanto política como pessoal.<sup>22</sup>

De certa forma Esslin provavelmente tensionou frontalmente suas referências familiares em rumo à liberdade de sua sexualidade e de suas aspirações políticas. No filme, em ambas essas dimensões, a militante simboliza atitudes de empoderamento e autodeterminação. Em retrato disso surgem cenas onde seu namoro com Baader sugere disposições a experimentações de um relacionamento aberto. Até quando ocorreu a migração do RAF para as áreas de treinamento de guerrilha na Palestina, foi explorado a imagem de que ela e as demais mulheres do grupo não se preocupavam em tratar os seus corpos com a liberdade com que sentiam-se

---

<sup>22</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 17.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

à vontade, mesmo diante da reprovação moral dos árabes – tal qual a cena do banho de sol nu realizado pelas militantes ao fim da tarde em pleno território de treinamento de guerrilheiros palestinos.

No filme, Esslin parece representar o tema do conflito de gerações de maneira bem definida, discutidos no tópico anterior. As cenas pregressas à sua entrada na guerrilha urbana, onde ela entra em discussão e embate ideológico com os pais, fornece, em metáfora, os contornos figurados das inquietações sentidas entre as gerações da República de Weimar e da República Federal Alemã.

Dentre as suas falas no filme, uma é especialmente intrigante. É aquela dedicada a Meinhof, e inspirada nos escritos de Tsé-Tung, sobre os sentidos das ações vindouras da RAF: “O que precisamos é de uma nova moral. Você tem que traçar uma linha clara entre você e seus inimigos.” Disto a militante evoca a necessidade de uma divisão nítida entre as posições da antiga geração – vistos por ela, como expresso na audiência pública já citada, como uma geração conivente, historicamente, com as atrocidades do passado recente alemão e, ao mesmo tempo, apática para com as problemáticas sociais do presente – com as de sua nova geração. Desta maneira o filme expõe, segundo pensamos, aspectos desse clima de contradições socioculturais que os atos da RAF trouxeram como questão histórica para a Alemanha, apesar de suas recaídas no recrudescimento político da violência de extrema esquerda.

Como última caracterização, trazemos a lume uma análise da presença de Andreas Baader na RAF. No filme, Esslin chega a dizer, em meio a admiração a figura deste, que Baader é o membro que mais possui ímpeto revolucionário de todo grupo. O jovem militante, então, nasceu em Munique, em 1943. Era filho de um historiador, Berndt Baader (1913-1945). Segundo apontam seus conhecidos e familiares, Baader desde de criança parecia se indispor com atividades que eram obrigatórias. Quando

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

adolescente não se contentava com instruções religiosas e, com frequência, metia-se em brigas no colégio.<sup>23</sup>

Em comparação aos demais membros do RAF, Baader não tinha formação universitária.<sup>24</sup> Na filmagem, sua posição de liderança parecia residir na assertividade com que ele imputava os aspectos práticos das operações de guerrilha. Suas ações, para a militância ou para violência, pareciam direcionar o grupo a uma postura de severa convicção.

Em uma cena do filme, onde é apresentada uma de suas discussões com Meinhof, mostra que quando inquirido por essa sobre como eles recrutariam novos membros para a RAF, e, conjuntamente, como o grupo poderia operar mudanças nos problemas nacionais e internacionais, ele chega ao ponto de responder o seguinte: “– Que pergunta mais burguesa! [...] Simplesmente mudaremos... ou morreremos tentando.”

Esta disposição impulsiva e agressiva de Baader figura, assim, um retrato metafórico de sua posição de liderança no RAF. Provavelmente admirado justamente por suas atitudes de contestação aos hábitos comuns, esse militante parecia colocar ao grupo uma referência de despojamento ideológico, ao mesmo tempo em que parecia desafiar cada um de seus companheiros a ultrapassagem de seus lugares de experiência política do tempo de movimento estudantil ao modo de guerrilha urbana. Suas provocações, por exemplo, ao seu advogado de então, Horst Mahler (1936-) – e, posteriormente, colega de guerrilha –, exibem sua autoridade na determinação dos rumos e meios de ação política do grupo.

Feitas essas caracterizações sintéticas dos militantes e de seus cenários de vida, passemos agora para o núcleo de discussão das relações entre militância política e violência nas trajetórias de luta do então chamado grupo Baader-Meinhof.

---

<sup>23</sup> Cf. AUST, S. *The Baader-Meinhof Complex: The Inside Story of the R.A.F.* Translated by Anthea Bell. London: The Bodley Head, 2008, p. 9.

<sup>24</sup> Idem.

### **A militância política e a violência do grupo Baader-Meinhof: uma perspectiva psicossociológica dos efeitos da guerrilha urbana da RAF**

Antes da discussão dos tópicos propostos ao presente filme, cabe realizarmos uma breve apresentação dos dois conceitos escolhidos para a abordagem de nosso trabalho – os conceitos de identificação e de Ideal do Eu –, para melhor esclarecimento e contextualização de nossa análise conceitual aqui proposta.

Na obra de Freud, o conceito de identificação possui um estatuto de noção fundamental. Por assim dizer, ela é a operação por meio da qual o sujeito se constitui.<sup>25</sup> Ele chega a defini-la “como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”<sup>26</sup>. Enquanto processo de inscrição das marcas de experiência alojadas no inconsciente, a identificação pode ser auferida como o processo intermediador de apaixonamento, ou mesmo, de mobilização de ódio no ser humano.

Suas primeiras teorizações na obra freudiana se remontam ao ensaio *Totem e Tabu*. Neste, esse fenômeno é atribuído como um recurso de transmissão das tradições culturais entre os povos. É por meio da identificação, por exemplo, que hábitos dos mais corriqueiros aos mais extravagantes são mediados de geração a geração. Rituais e crenças a respeito do nascimento, da sexualidade e da morte, em cada cultura humana, usualmente acompanham práticas e simbolismos de identificação como valorações compartilhadas socialmente.<sup>27</sup>

Quanto à segunda noção em destaque, a de ideal do Eu, esta se apresenta, na obra freudiana, como um conceito de complementaridade aos processos de identificação. Delimitando uma operação que projeta ao Eu referências norteadoras sobre a sua realidade interna-externa, ela é uma

---

<sup>25</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. – SP: Martins Fontes, 2001, p. 227.

<sup>26</sup> FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921). In: *Obras Completas Vol. 15*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2011, p. 60.

<sup>27</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu* (1912-1913). In: *Obras Completas Vol.11*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2012, p. 52-53.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

instância simbólica reguladora dos juízos de valor do sujeito. Para Freud, é pelo ideal do Eu que o ser humano encontra parâmetros para avaliar, julgar, sentir e se afetar com os dados da experiência consigo e com os outros.

Nesta acepção, esta instância é uma sede de representações de aspirações, anseios, simbolismos, que tanto impulsionam uma pessoa a realizar ações no mundo quanto a limitam e, por vezes, até restringem as suas possibilidades de agir ou se mobilizar em seu ambiente e relações sociais. Para ilustrar a sua importância na obra freudiana, vale destacar que o Ideal do Eu é uma primeira formulação do que veio a ser conhecido como o Super-Eu (ou Superego). Assim, ela é, enfim, parte do universo conceitual psicanalítico que congrega as explicações sobre o funcionamento psíquico humano, e mais: ela é, junto ao conceito de identificação, um elemento indicador das determinações inconscientes dos estados de ânimo de nossa consciência.

Há, nesse segundo conceito, uma interessante reflexão sobre as apropriações que cada um faz do passado. Seja na expressão de sentimentos com memórias que entusiasmam ou censuram, o ideal do Eu é aquele limite que faz um sujeito viver aquilo que ele “pode dar conta”. Neste sentido, Freud aproxima esta instância à ideia de uma consciência moral.<sup>28</sup> Entretanto, de maneira dialética, Freud aponta no ideal do Eu, ao mesmo tempo, uma formação narcísica de grande força de instigação. Tal qual a miragem de uma promessa de realização ou satisfação a se alcançar, as projeções do ideal do Eu, por vezes, promovem em uma pessoa uma convulsão de afetos avassaladores.

Neste ponto de inflexão, pensemos, agora, a discussão sobre a militância política e a violência a partir do filme. Em cada uma das trajetórias dos militantes da RAF, com maior acento na figura dos fundadores do movimento, as paixões políticas podiam ser inferidas de maneira direta. Esslin, Baader e Meinhof, como lideranças nos planejamentos do grupo, possuíam neste uma espécie de hierarquia moral típica a formadores

---

<sup>28</sup> Cf. FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: *Obras Completas Volume 14*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2010, p. 42-43.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

políticos de partido. Suas ações pareciam atuar ao grupo, segundo evidencia o filme, como fontes identificatórias pungentes. Suas falas eram colocadas como instrumentos de poder e deliberação guerrilheira mobilizadoras. Por vezes o dissenso esporádico entre Baader e Meinhof parecia tensionar a sustentação do grupo como um todo. Aparentemente divididos entre as posições de divergência de ambos, o grupo recolhia-se na expectativa de resolução da discussão. Esslin, neste sentido, foi uma mediadora importante, apesar de sua aparente atitude de endosso prévio as sugestões de Baader.

Esses enquadres ocorridos, portanto, por mais que sejam figurados ou, por vezes, baseados em fontes concretas, conforme alude Aust em entrevista,<sup>29</sup> são aspectos curiosos da provável trílice liderança do grupo de primeira geração da RAF. Tal qual a situação de tensão descrita acima, o filme traz significativas marcas não apenas dos conflitos dessa geração de militantes com a sociedade alemã daquele tempo, mas do furor próprio ao processo de militância desse segmento juvenil alemão, que via na ação violenta um meio de afirmação e compartilhamento do ideário de lutas comunistas da época.

Se na política a disputa de ideologias políticas é um carro chefe de conciliações e subversões, ora claros ou obscuros, o fenômeno RAF pode ser (ainda) encarado como um enigma ao processo histórico da República Federal da Alemanha. No filme essa questão parece ser colocada como a expressão de um estado de profunda insatisfação da geração de 60 e 70 com a sua conjuntura contemporânea. A militância, ali, pode ser pensada como uma espécie de elemento fiador e integrador das mobilizações sociais da jovem geração alemã.

Provindo daquele contexto de movimentações estudantis em ebulição, Baader, Esslin e Meinhof, como pessoas pertencentes a segmentos da classe média ilustrada, irrequietas com a ordem e com as contradições

---

<sup>29</sup> Cf. nota 2.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

do processo democrático de então, tomaram frente de ação em aposta nos módulos de guerrilha de extrema esquerda.

Por um lado, os jovens utilizaram recursos estratégicos militares para recrutamento de militantes com causas afins às suas. Fizeram reuniões, perpetraram assaltos a bancos como levantamento de recursos financeiros e buscaram se munir de equipagem bélica para as intervenções da guerrilha urbana e para autodefesa. Por outro, o grupo passou a ter um espaço de comunicação pública com a sociedade civil. Através de declarações escritas por Meinhof – textos acalorados em exaltação aos ideais de liberdade e de resistência por meio da violência – o grupo justificava seus atentados como atos políticos de luta social.

Para Enriquez, as ações coletivas são um meio potencial de promoção e de revitalização dos modos de identificação do sujeito com os ideais sociais. Segundo este autor, esse fenômeno permite congregar, em termos de análise, um cruzamento conceitual profícuo entre a identificação e a formação compartilhada do ideal de Eu em grupos ou organizações.<sup>30</sup> Nesta acepção, laços de reciprocidade e cumplicidade são desenvolvidos por meios de signos e símbolos compartilhados culturalmente, aspectos estes fundamentais para a mobilização de militância política e, no contexto da RAF, de racionalização de ações de violência.

Se o outro ou todo um coletivo apoia a ação de uma pessoa, a sensação desta ao realizá-la é sentida, com muita probabilidade, de maneira diferente se esta ação fosse concebida por ela como apenas expressão de suas ideias ou pensamentos íntimos. Neste sentido, Freud, a esteira de sociólogos como Gustav Lebon (1841-1931), analisa que, na agitação das massas, o indivíduo se inflama. Sobre isso, ele escreve:

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão

---

<sup>30</sup> Cf. ENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. Tradução de Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. RJ: Jorge Zahar, 1996, p. 66-67.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer. Nada nela é premeditado. Embora deseje as coisas apaixonadamente, nunca o faz por muito tempo, é incapaz de uma vontade persistente. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. Tem o sentimento da onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa.<sup>31</sup>

Em consonância a esta caracterização das forças de empoderamento do indivíduo na coletividade, uma questão recorrente se apresenta formulada no filme. Neste, a RAF é apontada como uma formação grupal de radicalização e de extremismo de esquerda, que já estava latente em determinados segmentos estudantis da Oposição Extraparlamentar. Esslin chega a inferir a Meinhof que o grupo que eles estavam compondo era uma dissidência dos modos de ação do líder Rudi Dutschke.

Pelo fato de a RAF ter sido composta por diferentes gerações, isto pareceu expor uma realidade de efervescência geral dos ideais de esquerda marxista de extrema esquerda entre os jovens. Na filmagem, Esslin aponta na subversão pela ação violenta uma espécie de salto qualitativo da própria militância estudantil da Oposição Extraparlamentar. Em face das contradições da democracia alemã, responder repressão com violência e atentados, segundo inferem as lideranças da RAF, foi a saída vista como necessária para o levantamento de resistências e de mudança social.

Constatamos hoje o fracasso desse princípio, posto a violência causada pelo RAF<sup>32</sup> ter mobilizado na sociedade civil da década de 60 um reforço das perseguições políticas e de repressão do Estado Alemão, além, é claro, um resultado de 34 pessoas mortas em seus atos de guerrilha urbana. O chavão dos 6 contra os 60 milhões lançado na Alemanha da época tornou-se a representação dominante imputada ao grupo. O seu

---

<sup>31</sup> Cf. FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: *Obras Completas Volume 15*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2011, p. 25.

<sup>32</sup> Cf. <http://www.dw.com/pt/cronologia-das-a%C3%A7%C3%B5es-da-raf-na-alemanha/a-2766655> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

reconhecimento como terrorismo foi o que prevaleceu, o que nos permite indagar sobre a violência da RAF implicar, naquele contexto concreto, justamente no declínio de seu reconhecimento político.

Entretanto, naquele período, o seu fenômeno mobilizou grandes discussões sobre a militância política de esquerda. Jean-Paul Sartre (1905-1980), eminente intelectual francês, chegou até a visitar Andreas Baader enquanto este estava preso.<sup>33</sup> Disse ter sido recebido de maneira surpreendente pelo militante, por este ter dito a ele que “achava que estava lidando com um amigo, mas que eles mandaram a ele um juiz”. Baader provavelmente se referia a tomada de posição contrária as ações do RAF que Sartre pronunciou nos jornais dias antes desse encontro, em dezembro de 1974.<sup>34</sup>

Essa postura de Baader, corroborada com a imagem impressa a ele no filme, nos permite observar determinados elementos de personalidade que inferem a ele uma posição de liderança irresoluta no grupo. Quando temos em mente, em referência a Freud, que um líder é um operador simbólico do ideal do Eu em uma coletividade, seja esta uma grande massa ou um pequeno grupo,<sup>35</sup> as falas de Baader ganham pleno horizonte de significação. Admirado no filme como o militante de maior ímpeto revolucionário, sua atitude de convicção ardorosa na guerrilha coloca em cena o seu poderio de influência na RAF, seja as suas atitudes avaliadas como procedentes ou incongruentes com as causas formais do grupo.

Para o militante, a luta pela guerrilha e o atentado parecia carregar sentidos de retaliação concreta às injustiças causadas pela repressão do Estado Alemão. Suas atitudes espontâneas eram assim potencial alvo de identificação revolucionária. Talvez resida aí, neste enquadre figurado no filme, uma conseqüente apreensão intuitiva das forças de sustentação do

---

<sup>33</sup> Cf. <https://www.marxists.org/reference/archive/sartre/1974/baader.htm> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

<sup>34</sup> Cf. <http://www.spiegel.de/international/germany/transcript-released-of-sartre-visit-to-raf-leader-andreas-baader-a-881395.html> (Acessado em 25 de Novembro de 2015).

<sup>35</sup> Cf. FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921). In: *Obras Completas Volume 15*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2011, p. 91.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

militante em seus ideais, como se mostra, por exemplo, em sua postura registrada por Sartre frente a opiniões que lhe eram críticas.

Pensando nesse caso da RAF, outra questão, mais em abstrato, surge a respeito das formações de ideal presente na militância política. Se o ideal do Eu é um instigador de aspirações e paixões humanas, ele também é um recurso protetor e defensivo do Eu a dados que coloquem em xeque a integridade moral do sujeito. Mesmo quando uma convicção pessoal é reapropriada à luz de fatos incontornáveis as nossas experiências, ainda assim é difícil encarar algo que contradiz o Eu. De certa forma, ser interpelado por algo que suspende nossas certezas e nos imputa a uma quebra narcísica nos pressiona, e como reação, por vezes renegamos o dado a ser reconhecido, justamente para evitar arranhar aquilo que até então parecia ideal e perfeito em nossas referências.<sup>36</sup>

Por isso o debate sobre questões políticas entre militantes ou entre quaisquer pessoas nele interessadas gera, com muita probabilidade, tensionamentos entre as disposições afetivas e intelectuais de quem está em discussão. Nesse sentido, quando elementos contraditórios ou antitéticos se apresentam à consciência, o aparelho psíquico interpreta as suas representações como signos de desprazer – tais quais vivências onde o sujeito sente não possuir recursos para lidar ou dominar os estímulos internos-externos, como bem se definem os campos de experiência do traumático, do tabu ou mesmo da repulsa moral. É nesta acepção que a realidade psíquica do ideal do Eu aparece como uma variável enigmática na experiência militante, como uma dimensão subterrânea, inconsciente, que ronda então os modos espontâneos de pensamento e ação do sujeito.

Talvez este seja o *pathos* inexorável da militância política, diante do dissenso, do conflito, do desgaste e da ruptura constituintes nos processos políticos assumidos na pluralidade de demandas de reconhecimento mútuo. Nesta via, os riscos da violência na militância seriam, em nossa perspectiva,

---

<sup>36</sup> Cf. FREUD, S. *A Negação*. Tradução de Marilene Carone. SP: Cosac Naify, 2014, p. 21-23.

## DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

a ultrapassagem dos marcos civilizatórios, isto é, uma quebra no laço social e, por sua vez, uma recaída no sinistro território do para além do tabu. Neste território de potencial estranhamento<sup>37</sup>, onde o sujeito não é mais considerado digno da condição humana, o ato político pode tornar-se alvo do medo, do horror e, por extensão, do ódio velado ou manifesto em suas formas mais destrutivas.<sup>38</sup>

Enfim, esse processo acima figurado da militância e de sua relação com a violência diz respeito, segundo nossa análise das ações políticas da RAF retratadas no filme, sobre como a identificação opera a formação de vínculos de amor entre os membros de um grupo entre si e com a sociedade, e, ao mesmo tempo, quando o seu andamento é suspenso, à força da quebra de interdições culturais, como a falta de identificação promove o enfraquecimento de investimentos libidinais entre os agrupamentos humanos, cujo perigo maior são a indiferença e o desdém pela dignidade da vida dos outros.

No filme esse drama ficou perceptível. O grupo, ao invés de ser associado a luta pela liberdade e contra a opressão e a apatia, foi, ao contrário, vinculado a um estado de medo social e a uma posição recrudescida na esfera pública. Suas violências tiveram respostas também em nível civil. Manifestações de repulsa ao grupo provinham de diferentes lugares. De exemplo disto, houve um cartaz exibido em uma cena do filme, onde havia a seguinte inscrição: “Eu não pertenço ao grupo Baader-Meinhof” (“Ich gehöre nicht zur Baader-Meinhof Gruppe”).

Sobre essa questão, o próprio Austin comenta, na entrevista mencionada anteriormente<sup>39</sup>, que teve por reflexão ao escrever a biografia da RAF um anseio de trazer “o grupo de volta para a terra”, no sentido de romper com a idealização de seus feitos, sobretudo com a idolatria por ele típica das jovens gerações da década de 70.

---

<sup>37</sup> FREUD, S. O inquietante (1919). In: *Obras Completas Volume 14*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 2010, p.329; 363.

<sup>38</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras Completas Volume 18*. Tradução de Paulo César de Souza. SP: Cia das Letras, 2010, p.94.

<sup>39</sup> Cf. nota 2.

## O grupo Baader-Meinhof: política e violência na República Federal da Alemanha (1967-1977)

| João Paulo Brunelo Miguel

Em encerramento de nossa discussão, em referência a Baader, cabe resgatarmos novamente aquela cena, em que ele afirma que ou se muda a realidade política da Alemanha ou se morre tentando tal feito. Esta vinheta parece mostrar plenamente a intensidade passional dos ideais na militância do grupo. Pela realização do ideal, o Eu, a despeito de seu narcisismo, é, então, capaz de morrer ou de matar em prol disso que o arrebatava.

Por fim, como numa reflexão, expomos neste artigo uma resposta parcial a respeito da maneira como a trama do filme levanta um horizonte de debates sobre o papel das paixões políticas nos atos de militância das lideranças do RAF – seja sob as formas de admiração, intransigência, aposta utópica em uma causa compartilhada em grupo, entre outros aspectos de identificação e paridades –, onde colocamos em questionamento determinados aspectos da violência implicadas na guerrilha urbana do grupo Baader-Meinhof.

Recebido em 15.12.2015  
Aprovado em 12.01.2016